

DR. ALBERT SCHWEITZER OU UM DIAGNÓSTICO DA CULTURA

Tarcísio Moura *

INTRODUÇÃO

Ninguém melhor que um médico para fornecer um diagnóstico da cultura HUMANA mais recente ! Melhor ainda quando este médico está apto a fornecer um tríplice diagnóstico: o material, o filosófico e o espiritual. Falamos aqui do Dr. Albert Schweitzer (1875 – 1965). Por sua formação teológica, pelos seus estudos do pensamento humano dos últimos séculos, pelo exercício da medicina e pelo engajamento missionário no meio do povo africano, seu diagnóstico de nossa cultura assumirá realmente aquela tríplice característica.

No prefácio à obra “DECADÊNCIA E REGENERAÇÃO DA CULTURA”, o Prof. Pedro de Almeida Moura observa: “O culto cientista e hábil cirurgião (Albert Schweitzer) que nas selvas africanas enfrenta corajosamente as agruras do Continente Negro, na presente obra mete o bisturi no tumor de nossa civilização e acredita que poderá curar este corpo gravemente enfermo.” (1) A humanidade adentra uma fase imensa de decadência cultural. Mas se afirma que “a nossa cultura está passando por uma crise intensa” (2), nosso filósofo não pretende apenas fazer uma celebração desta decadência. A obra DECADÊNCIA E REGENERAÇÃO DA CULTURA, que encerra as linhas fundamentais da sua Filosofia da Cultura, não objetiva simplesmente abrir a todos a chaga maléfica do nosso corpo cultural. Como médico, indica as medidas terapêuticas de uma efetiva regeneração. É mesmo um pouco de dentro da psicologia de médico que Schweitzer acredita na regeneração do tecido cultural de nossa sociedade.

* Professor de Filosofia e Teologia na PUCCamp; Mestrando em Filosofia da Educação na PUCSP.

(1) Cf. Albert SCHWEITZER, *Decadência e Regeneração da Cultura*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1959, 2ª ed., trad. e prefácio de Pedro de Almeida Moura.

(2) Cf. Albert SCHWEITZER, *Cultura e Ética*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1953, pág. 25, trad. Herbert Caro.

Tal o salutar programa que é apresentado a nós por este intelectual que sensibilizou todo o mundo por suas qualidades humanas invejáveis, por seu sentido humanitário em favor daqueles que se encontravam em situação de marginalização material e cultural (seu trabalho lhe mereceu o prêmio Nobel da Paz de 1952 e um lugar ímpar na memória da humanidade) e, no que mais nos interessa aqui, por suas penetrantes análises da nossa sociedade e de nossa civilização..

Apresentaremos então esta análise da cultura segundo os momentos de acordo com os quais o próprio autor expôs: a filosofia responsável pela decadência da cultura, fatores espirituais e econômicos que provocaram a obstrução da cultura e o caminho para a regeneração da cultura. Não fugimos, assim, à linha básica de seu livro, onde seguiu a forma didática de descobrir o fenômeno (no caso, a decadência da cultura), mostrar-lhe as causas e oferecer formas de solução.

Uma primeira observação deve ser feita quanto à atualidade das considerações ali reunidas. Embora elas se reportem aos primeiros anos de nosso século, julgamo-las bastante fecundas para a reflexão do homem de HOJE, para a análise de uma situação cultural que, apesar de mais de meio século adiante na história, apresenta aqueles mesmos sintomas que Schweitzer denunciava nos seus dias. Vemos que a civilização ainda não se curou de seus males. Aliás, nesta linha de reflexão, podemos dizer que aquilo que era para Schweitzer uma doença, hoje se tornou uma verdadeira epidemia. Ele próprio não se preocupou em retificar sua posição, reafirmando-a em obras posteriores.

Achamos então válido irmos seguindo as análises do autor observando as aplicações por ele feitas e fazendo também as nossas. Tais aplicações dar-nos-ão, com toda a certeza, a impressão de termos um Albert Schweitzer falando conosco.

A segunda observação é que não é difícil demonstrar até que ponto a Filosofia da Civilização de Albert Schweitzer se constituiu numa verdadeira análise da história. Se nos apoiamos em Arnold Toynbee, isto se manifesta claro. Para este historiador, a civilização é o objeto próprio do estudo da História (3) já que uma "civilização" é uma espécie de sociedade cuja origem, evolução e causas de decadência a História tem por fim estudar.

Como então o Doutor Schweitzer diagnostica a cultura contemporânea ?

(3) Cf. Pitirim A. SOROKIN, *Las Filosofías Sociales de Nuestra Epoca de Crisis*, Madrid, Ed. Aguilar, 1956, pág. 156.

1. A TRISTE ILUSÃO DA PASSAGEM DO SÉCULO

Diz Schweitzer que na passagem do século apareceram, em grande número, obras sobre a cultura sob os mais pomposos títulos e cantando a glória e o triunfo das culturas. “Mostravam-nos, no mapa em relevo da cultura, os vários caminhos, vistos ou conjecturados que, através de planícies e de montanhas do panorama da história, partindo do Renascimento, chegam até o século vinte. Mas, como se obedecessem a uma secreta palavra de ordem, timbravam em não definir a situação. Ninguém realmente tomou a incumbência de fazer o verdadeiro diagnóstico. Transpusemos os umbrais do século, alimentando uma inabalável presunção sobre as nossas aquisições culturais. E o que se escrevia revigorava ainda mais esta presunção”. (4).

Tomando em mãos qualquer obra que historie a época, podemos constatar a solidez desta observação. Maurice Crouzet, por exemplo, na sua **História Geral das Civilizações** (5), introduz suas considerações sobre os inícios do século XX denunciando a fragilidade da imagem de um mundo próspero que parecia advir a toda a Europa. É inicialmente uma crítica à visão por demais otimista de Keynes. Para este “a época que se encerrou em agosto de 1914 foi um extraordinário episódio do progresso econômico do homem”... “o apogeu do mundo liberal e capitalista”. É a imagem de um mundo de progresso, de prosperidade para as nações, de riquezas e conforto para os indivíduos, de segurança geral; todos os povos fornecendo à Europa os gêneros que o solo desta não pode produzir e esta fornecendo os artigos que só a “fábrica européia” é capaz de produzir. É um mundo onde não há qualquer barreira pois os homens, as mercadorias, os capitais e as idéias circulam livremente e onde o comércio da Europa atinge o mais alto nível até então alcançado na história da humanidade. Mas Crouzet conclui: “Este ‘Eldorado’, ‘esta República da Utopia’, descrita por Keynes, está longe de abranger o mundo inteiro, e mesmo a Europa toda (...) A crise que ameaçava eclodir desde o início do século e que explode em 1914, abala em seus fundamentos o frágil equilíbrio em que repousava o enriquecimento e a supremacia da Europa. Esta ‘guerra civil’ européia, que se prolonga por 4 anos, e a Revolução Russa de 1917, desferiram no ‘sistema liberal e capitalista’ golpes de que jamais se recobrou. Todas as tentativas efetuadas a fim

(4) Albert SCHWEITZER, **Decadência e Regeneração da Cultura** págs. 19 – 20.

(5) cf. Maurice CROUZET, **História Geral das Civilizações**, Tomo VII: A época contemporânea, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, págs. 9 – 10.

de restabelecer a antiga ordem de coisas, para reviver 'a idade de ouro da segurança' e a 'doçura de viver' dos anos anteriores a 1914, malograram".

Assim, o mal que a cultura humana levava em seu próprio seio não podia ser escondido por muito tempo. A cada dia seus sintomas se tornavam mais patentes. Nos primeiríssimos instantes de nosso século Schweitzer podia dizer: "Agora é patente aos olhos de todos que a cultura está em franca marcha de autodesagregação" (6). A cultura foi erguida sobre areia movediça e a primeira avalanche levá-la-á de vencida.

Que causas teriam arrastado tão inexoravelmente as forças da cultura à exaustão de suas energias ?

2. CAUSAS DA DECADÊNCIA DA CULTURA

2.1. Causa primordial: a falência da filosofia

Segundo Schweitzer, nos séculos precedentes (XVIII – XIX) nós encontramos diretrizes básicas fundamentais que orientavam os povos e que tornavam a humanidade fortemente unida nos seus mais elevados propósitos. Tais diretrizes dirigiam o contato que o homem mantinha com a realidade, transformando as condições ambientes, dando sentido às atividades humanas e realizando o verdadeiro progresso que, para o filósofo, constitui a própria cultura. Por certo tempo, tal progresso se verificou na orientação cultural dos povos, parecendo mesmo ter raiado definitivamente a era da cultura e que deveria dar lugar a um desenvolvimento geral sem precedentes. É a mesma esperança que alimentávamos, mais recentemente, com respeito ao desenvolvimento científico e tecnológico que deveria promover mais a cultura, ao passo que não é bem o que ocorre.

O afrouxamento da situação dos ideais promotores da cultura começou a aparecer nos meados do século XIX e foi tendendo cada vez mais para o total esmorecimento. De forma que se chegou a consumir-se a total abdicação da cultura. E o fator decisivo foi a falência da filosofia. Diz Schweitzer: "No século dezoito, e nos primórdios do século dezenove, desempenhava a filosofia o papel de orientadora da opinião pública. Ela havia-se preocupado com questões que se apresentavam ao julgamento da época ou ao de

(6) *Ibid.* pág. 20.

indivíduos isoladamente, e conservava bem viva a arte de meditar sobre esses problemas, sob o ponto de vista da cultura. Ora, existia por aquele tempo na filosofia uma orientação básica de filosofar sobre o homem, sobre a sociedade, sobre o povo, sobre a humanidade e sobre a cultura, de que resultou aparecer, com toda a naturalidade, uma palpitante filosofia popular que se caracterizava pela arte de reger a opinião pública e de manter vivo o entusiasmo cultural". (7)

Quando as filosofias não mais ofereciam maneiras para os homens enfrentarem a própria realidade, a situação se transformou completamente. Para infelicidade da própria cultura, a filosofia entrou em falência.

Tanto no tempo em que Schweitzer escreveu o seu livro (ele se reporta ao ano de 1900), como em nossos dias, os indivíduos não chegam a uma concepção do mundo através da **reflexão**. Já foi a época em que a maioria deles fazia surgir dali os seus ideais e suas linhas de ação. Cada um vive como os demais, isto é, sem uma "visão da vida" (8) que o possa orientar individualmente.

Perguntamos: como a idéia pode ter lugar na vida das pessoas e a filosofia exercer um papel na realização da sua cultura ?

Schweitzer responde: "Todas as épocas vivem consciente ou inconscientemente sob a influência das idéias formadas pelos seus pensadores. (...) Kant e Hegel dirigiram o destino de milhões de pessoas, que nunca leram uma linha sequer do que eles escreveram... (...) à pergunta sobre se personalidades ou idéias podem decidir da sorte de uma época, podemos responder que é precisamente das personalidades que a época recebe as suas idéias. Quando, num dado período, pensadores arquitetam uma valiosa concepção do mundo, esta recebe também da parte deles certas idéias que realizadas redundam num progresso geral. Ora, quando os pensadores já não dispõem mais de força para isso, de uma forma ou de outra começa a decadência. Uma concepção do mundo exerce, necessariamente, influência no desenrolar dos acontecimentos históricos" (9).

(7) *Ibid.*, págs. 21 – 22.

(8) Adiantamos aqui uma distinção que Schweitzer pressupõe implicitamente em sua obra. É a que ele faz entre "concepção do mundo" (WELTANSCHAUUNG) e "visão da vida" (LEBENSANSCHAUUNG). A primeira apenas ensina a saber o que o mundo é e a aceitá-lo como tal. É pessimista e melancólica. A segunda coloca o homem em face dos imperativos mais profundos do ser e da existência. Sendo volitivamente otimista, é a única capaz de propor os valores orientadores da vida. Para Schweitzer, toda "concepção do mundo" deve basear-se numa "visão da vida" que aponte sua razão de ser.

(9) *Ibid.*, págs. 86 – 87.

E apresenta um notável exemplo da História: a derrocada do Império Romano. A sua explicação se encontra na circunstância de que a filosofia clássica não conseguiu criar uma concepção do mundo da qual emanassem idéias capazes de preservar o império, apesar do poder, da eficiência e do arrojo de seus grandes imperadores.

Também foi a ausência de uma concepção sólida do mundo que provocou a primeira Grande Guerra Mundial. Esta começou a se desenhar quando, no começo já do século dezenove, a reflexão filosófica sentiu perder as próprias forças. Sucumbiram as idéias que teriam possibilitado soluções pacíficas nas principais querelas entre os povos. As novas gerações malbaratarem o legado precioso de gerações anteriores, e hoje não vemos senão ruínas do edifício que procuraram construir. A catástrofe era de tal forma iminente que, segundo Schweitzer, mesmo se os estadistas não tivessem sido tão míopes como o foram, não a teriam podido segurar.

No lugar da concepção filosófica do mundo assentou-se o modo de encarar os fatos segundo os métodos aplicados nas ciências naturais. Daí esta época se tornar pobre em pensadores profundos. Aquilo que alguns raros espíritos de valor, “raros e ofuscantes cometas”, criaram, não extrapolou o círculo restrito de seus poucos adeptos. Assim começou a imperar como um verdadeiro “espírito da época” a maneira de viver a vida como bem se entendesse, sem admitir a necessidade de se conceber uma orientação e de agitar os problemas sobre o mundo e sobre a vida para se tomar um sentido em relação a tudo. Este esvaziamento do sentido de orientação levou a sociedade a seguir a esmo, qual ventoinha a tomar o sentido que o sabor do vento lhe aprouvesse atribuir. Faz-nos lembrar o ditado latino: “**Theoria sine praxi, currus sine axi; praxis sine theoria, asinus in via**” (“Teoria sem prática é um carro sem eixo; prática sem teoria é um asno a caminhar”). A ruína de toda a vida, sobretudo da vida espiritual, advém deste menosprezo por uma concepção do mundo que dê sentido à maneira de viver.

Se aí está a falha fundamental no processo de elaboração da cultura, que outra coisa não é senão a própria vivência racionalmente orientada dos indivíduos, é aí que também deve iniciar o processo de recuperação da cultura. Deste processo trataremos adiante quando falarmos do “caminho de regeneração”. Mas ele deve ser aqui enfatizado devido o privilégio atribuído por Schweitzer à reflexão filosófica. “A regeneração de nosso tempo há de recomeçar, portanto, com o readmitir uma concepção do mundo. E nesse particular o que é aparentemente remoto e abstrato é tão importante ou mais que qualquer

outra coisa. Só mesmo quando nos encontramos novamente tranqüilos dentro da construção bem arquitetada de uma concepção cultural da vida, como quem se sente sossegado em seu próprio lar, e dela pudermos também extrair diretrizes para viver e agir, só então ressurgirá uma nova sociedade, senhora de ideais generosamente orientados, capaz de enfrentar de novo a realidade. Partindo dessas idéias novas é que poderemos de fato recompor a marcha dos acontecimentos e a própria história. Para a coletividade em geral, como para o indivíduo, viver sem uma concepção filosófica da vida representa um distúrbio patológico do sentido de orientação” (10).

Após a derrocada dos meados do século dezenove, a filosofia ficou reduzida à condição de um capitalista afastado do mundo dos negócios, que apenas procura conservar aquilo que ganhou. Tornou-se uma erudita atividade em todos os ramos do saber, cogitando apenas do passado. Reduziu-se à mera atividade acadêmica, com ação somente nas escolas e nas universidades, mas desvinculada da vida e da sociedade. Neste fechamento, a filosofia ficou incapacitada de despertar energias adequadas ao estabelecimento e manutenção dos ideais da cultura. No momento decisivo, ela negou aquele seu papel inalienável que Schweitzer soube magistralmente definir: “Na sua mais profunda vocação a filosofia é guardiã da razão em geral. Seu dever é mostrar que é de nossa obrigação batermo-nos pelos ideais que servem de base à nossa cultura” (11).

“Na hora do perigo a sentinela, que nos devia manter alerta, dormiu”. E nosso filósofo conclui: “Eis aí o motivo por que não nos batemos em defesa da cultura” (12).

2.2. Fatores espirituais e econômicos da decadência da cultura

As duas condições fundamentais que vinculam o homem à sua capacidade de cultura são: PENSAMENTO e LIBERDADE. No homem da atualidade, segundo Schweitzer, tanto a liberdade como a capacidade de pensar caíram de nível. Falamos anteriormente da falência do pensamento como causa preponderante do declínio da cultura. Ora, a cultura subentende também homens livres, condição que não encontramos devido a fatores materiais e espirituais adversos.

(10) *Ibid.*, págs. 89 – 90.

(11) *Ibid.*, pág. 28.

(12) *Ibid.*, pág. 29.

2.2.1. Falta de liberdade material

As condições materiais a que estão submetidos os homens de nosso tempo o amesquinham a tal ponto que a sua vida psicológica se acha fortemente prejudicada e, mais ainda, a sua capacidade de fazer cultura. O raciocínio de Schweitzer é de uma clareza cristalina: “se alguém é demasiadamente absorvido, seja de que forma for, na luta pela vida, tanto mais fortemente terá os seus ideais perturbados pelo desejo de melhorar as suas condições normais de subsistência. O interesse imediato termina prevalecendo sobre os ideais da cultura, conturbando-os” (13).

A falta de liberdade material se apresenta sob a forma de dois prejuízos para a vida e a cultura do homem de hoje:

Afastamento do contato com a natureza — a luta pela vida, proveniente da insegurança do sistema econômico que torna a sobrevivência difícil, obriga as pessoas a se agregarem em número cada vez mais crescente em aglomerações de trabalho. Arranca-as, por esse modo, “do contato benéfico com a terra, da natureza e do lar”. Este desligamento do homem para com aquilo que é o seu próprio chão constitui um atentado e uma violência contra a liberdade e, daí, contra a cultura. Schweitzer chega a aconselhar menor interesse pelos bens materiais para se ter em vista a produção de bens espirituais: “Se as circunstâncias da vida houvessem-se desenvolvido de tal jeito que uma condição de bem-estar modesto e perdurável se estendessem a um número sempre maior de indivíduos, disso adviriam, necessariamente, para a cultura, muito maiores vantagens que as decorrentes de todas as conquistas materiais que em seu nome são cantadas em prosa e verso. Essas conquistas tornam, é verdade, a humanidade em si menos dependente da natureza, do que antes era, mas concomitantemente, vai diminuindo o número de vidas independentes. Do mestre de manufaturas, pela intervenção da máquina, surge o trabalhador da fábrica. Em lugar do negociante, ativo e independente, aparece cada vez em maior número o empregado de comércio, dado que no complexo e emaranhado jogo de transações só se toleram os capitais vultosos. (Todos) são arrastados para o torvelinho da luta pela vida...” (14). Esta sofisticação da atual vida urbana, com todo o seu moderno sistema de produção, roubou do homem o vinculamento com a natureza que é essencial à cultura.

(13) *Ibid.*, págs. 30 – 31.

(14) *Ibid.*, pág. 31.

Saturação pelo trabalho — o excesso de ocupações é a regra básica na vida da maioria das pessoas. Os indivíduos não vivem mais como seres humanos, mas apenas como trabalhadores. E as conseqüências disto dentro do campo educativo são patentes. Os pais não dão a devida assistência aos filhos, deixando de propiciar-lhes o seu natural desenvolvimento. Desta forma, os indivíduos, colaborando com o processo de produção ou sofrendo-lhe as conseqüências, tornam-se cada vez menos habilitados à cultura; tornam-se dispersivos, incapazes de fazer desenvolver a si mesmos. “Absorvido pelo excesso de trabalho”, diz Schweitzer, “o indivíduo sente cada vez mais necessidade de dispersão exterior. O pouco de lazer que lhe resta para manter um contato proveitoso, não lhe dá coragem. Completa inatividade, esquecimento e fuga de si mesmo é o seu grande imperativo físico. Seu tudo é não pensar. Não procura cultura mas distração e, dentre as distrações, aquelas que menor esforço espiritual reclamem” (15). Os interesses da sociedade industrializada não são os da cultura: estão voltados para o objetivo de nos manter AGINDO, FAZENDO, MEXENDO, PERSEGUINDO COISAS e, mantendo-nos nessa embriaguez de atividade, de evitar que despertemos para perguntar: qual o sentido de tudo isto? qual o sentido da vida?

Hoje também o homem perdeu o sentido espiritual do sábado. Schweitzer menciona rabinos antigos que ensinavam que o reino de Deus só viria quando o povo de Israel conseguisse realizar no mundo um autêntico dia de sábado. O sábado queria dizer parada e descanso. Ano sabático era aquele no qual não se plantava, para o descanso da terra. Não estará nosso autor querendo dizer que é preciso “parar a vida” para dar um lugar à meditação sobre o seu sentido? Esta questão, no entanto, não interessa ao homem de hoje. Ele é o **homem da ação**. Mas nós lhe perguntamos com Schweitzer: “Afinal: pensamos porque agimos, ou agimos porque pensamos?”.

2.2.2. Falta de liberdade espiritual

Liberdade material e liberdade espiritual estão intimamente interligadas. Mesmo em seu livro, Schweitzer não fez uma separação exata entre os fatores que prejudicam uma ou outra. Nós o fazemos apenas para fins de exposição. São os seguintes os fatores que impedem a liberdade espiritual:

(15) *Ibid.*, pág. 33.

A imprensa fácil — há um fenômeno em nossos atuais meios de Comunicação (MASS MEDIA) de resultado altamente lesivo para o desenvolvimento da cultura. É a ação reflexa, apontada por Schweitzer, que os indivíduos, já dispersivos e incapazes de concentração, exercem sobre aqueles órgãos. Em vez de proporcionarem cultura, eles sucumbem à lógica da demanda: servem apenas a clientes sedentos, na quase totalidade, de futilidades e de distrações vazias. Entre nós, brasileiros, sabemos bem do quanto o IBOPE influencia a manutenção de um programa de televisão ou de um anúncio. As conseqüências disto são: “restringe-se o gosto pelo teatro em favor dos centros de diversões e de espetáculos frívolos; o livro útil cede lugar ao fútil. Jornais e revistas se vêem na contingência de oferecer de dia para dia a forma de leitura mais simplificada possível a seus vazios leitores. Um confronto da média do modo de apresentação da imprensa diária com a de cinquenta ou sessenta anos passados, mostra-nos bem claro, quanto ela deixa a desejar nesse terreno” (16).

A sociabilidade sem frutos — perdido o hábito de exercer a capacidade reflexiva e de desenvolver o dom de criar, imperceptivelmente o indivíduo cria em volta de si mesmo como que uma crosta impedindo a expansão criativa de seu eu. Esta crosta é a sua “segunda natureza”, com a qual passa a viver desde então. No trato com os semelhantes resulta uma conversação em terceira pessoa. Não há um diálogo, uma troca de idéias, uma verdadeira comunicação. Fala-se de tudo, mas nunca se sai do terreno das generalidades. Dá-se valor a um assunto, não porque ele tem significado, mas porque ele é “manchete”. Não se procura fecundar uma idéia e sim passá-la adiante. As idéias não encontram depósitos ou mananciais; somente canais de superfície. As pessoas não se encontram para se verem envolvidas diante de um ideal comum, mas para uma conversa sem maior compromisso.

A especialização racionalizante — a ciência se desenvolveu e o saber colocou a cada um a contingência de restringir o próprio campo de ação e de conhecimento. A racionalização do trabalho é fruto desta especialização. No entanto, o que se ganhou no aspecto funcional (a sociedade funciona magnificamente bem !), perdeu-se na visão do sentido. O trabalho especializado de hoje não fornece uma visão do todo. O trabalhador não tem mais o sentido de sua unidade. Ora, o sentido da unidade está precisamente na unidade do sentido, que o trabalhador não possui por conhecer apenas um aspecto daquilo que ele mesmo faz. Assim como conhece ele profundamente o seu setor, desconhece

também profundamente os outros. Schweitzer faz um paralelo: “O trabalhador manual de hoje não entende mais tão bem do seu ofício como os de antigamente. Não prevalece mais hoje em dia na arte de trabalhar o processo das fases sucessivas, como antigamente se fazia, uma vez que tais ou quais peças já existem prontas, pré-fabricadas, trabalhadas pela máquina ou pela mão de outros artifices. A capacidade de reflexão, o dom de criar e o grau de saber do operário não têm mais necessidade de se distender em direções várias para a consecução de uma obra (...) Em lugar da natural confiança em si, que nasce do trabalho, e na qual sempre e cada vez mais ele terá de firmar o seu pensamento, a sua personalidade, surge a necessidade de contentar-se com sua aptidão parcial aperfeiçoada que diante da especialização perde de vista a imperfeição do conjunto” (17). O perigo espiritual das especializações, assola de maneira particular, o ensino. Os encarregados de instruir a juventude já não possuem aquela visão universal que os habilita a fornecer aos jovens a conexão entre os vários ramos do saber, a ampliar-lhes o horizonte de compreensão para além de certos limites. Lembramo-nos da concepção “digestiva” do conhecimento, bastante comum na prática educacional e que é reprovada por Paulo Freire. Educar não é nutrir o indivíduo de certo tipo de conhecimentos. Esta espécie de “filosofia alimentar” (expressão de Sartre), encontra-se naquelas Universidades que estruturam seus cursos como unidades estanques e compartimentadas onde o aluno deve receber aquele tipo específico de ensinamento que o leve à sua determinada profissão e nada mais. Pelo contrário, toda prática educativa implica, para Paulo Freire, uma concepção dos seres humanos e do mundo (18). Implica uma visão de totalidade.

A impessoalidade do relacionamento humano — a primeira grande conseqüência dessa é a total desumanização da vida. Vários motivos são assinalados por Schweitzer que dificultam cada dia mais o trato de homem para homem: a precipitação do modo de viver, a intensidade do trânsito, o trabalho em conjunto nos escritórios e a moradia em comum de muitas pessoas em pequeno espaço. Por tudo isto criamos a impressão de que somos estranhos a conviver com estranhos. E é tão generalizada esta restrição do livre exercício da convivência humana que não nos damos conta de que a nossa conduta impessoal represente uma anormalidade. É uma impessoalidade fruto do isolamento. Deste, nós encontramos hoje um verdadeiro paradoxo: o homem das grandes cidades se defronta ao mesmo tempo com um excesso de isolamento e com uma falta de

(17) *ibid.*, págs. 35 – 36.

(18) cf. Paulo FREIRE, **Ação Cultural para a Liberdade**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, págs. 42 ss.

isolamento. **Excesso** devido à ausência de contato social primário com as pessoas com as quais se relaciona cotidianamente. As pessoas se esbarram umas nas outras, mas realmente não se encontram. Elas “se trumbicam mas não se comunicam. **Falta** devido o mundo concentracionário em que vive. Não há espaço íntimo para uma vida mais pessoal, para um círculo de intimidade. Seu espaço se encontra inteiramente devassado. Desaparecendo assim as afinidades com as outras pessoas, Schweitzer afirma que estamos a caminho franco da desumanização. Falta muito pouco para a completa desumanização da vida. E isto é grandemente prejudicial para a cultura. “Na verdade, idéias reveladoras da mais cruel desumanização da vida, com a autoridade peremptória de um axioma, vêm já transparecendo há duas gerações passadas, com enregelante clareza, através da conversa corrente de todos os dias. Resultou aparecer daí uma mentalidade social que segrega o indivíduo do resto da humanidade. Com isso desapareceu também a natural gentileza de sentimentos, imperando em seu lugar uma ostentação de absoluta indiferença, que se reveste das mais variadas formas. O decantado hábito de estabelecer logo distância e indiferença para com desconhecidos deixou de ser encarado como dureza de costumes ou dureza de coração, valendo antes como prova natural de bom-tom social”. (19) Este quadro demonstra bem o quanto é impossível nele uma autêntica cultura e mesmo uma história verdadeira. Vem negar aquilo que o Pe. Lima Vaz disse a respeito destas duas: “Se o tecido mais profundo da história é urdido pela comunicação das consciências e esta não é mais do que a captação de um **sentido comum**, no qual os homens de determinado grupo humano ou que se constitui tal pela comunidade de uma mesma cultura, compreendem sua situação no mundo e se reconhecem como homens dentro desta situação, podemos dizer que a história é possível na medida em que o **ato de consciência** de cada homem se abre para um mundo de significações onde se dá seu encontro com os outros homens” (20). Boa parte da humanidade é considerada apenas “material humano”, mera expressão numérica, simples coisa, sem relacionamento entre si, sem sentido comum, sem ato de consciência, sem comunicação, afinal, sem cultura.

A superorganização das nossas instituições — a burocratização cada vez mais refinada de nossas instituições agiganta-se mais e mais como elemento de obstrução à cultura, subjugando as personalidades e idéias. A história de cada instituição é quase sempre a mesma: após um período inicial de grande

(19) Albert SCHWEITZER, *op. cit.*, pág. 38.

(20) Pe. HENRIQUE C. DE LIMA VAZ, O Absoluto e a História, Revista **Paz e Terra**, ano I, nº2, setembro, 1966, pág. 77.

vitalidade e benefício para a cultura, sobrevém um período de superestruturação e centralização onde impera a voz da coletividade. À incultura dos organismos burocráticos constitui, mesmo, um luxo dar atenção à opinião de cada pessoa. Não há como negar a atuação externa das organizações sejam elas políticas, religiosas ou econômicas. Estatutos, disciplina e expedientes técnicos são manipulados com tal eficiência que o alvo é atingido com perfeição. No entanto, Schweitzer sustenta que, na mesma proporção “tais coletividades cessam de agir como organismos vivos, e se apresentam cada vez mais em analogia com a perfeição fria e rígida das máquinas. Sua vitalidade interna perde a opulência, perde a maleabilidade, uma vez que dentro delas as personalidades necessariamente perdem sua força de ação. (...) O homem da atualidade é, de um modo **sui-generis**, absorvido pela massa.” (21). As conseqüências do abrir mão da supremacia do valor individual em favor da coletividade são terríveis para a cultura: a sociedade não pode elaborar novas idéias ou renovar as que existem, limitando-se a assistir como as idéias vigentes ganham força de dia para dia.

A propaganda — a maneira mais completa da superorganização das instituições realizar a supressão do pensamento é a propaganda, pois representa a total derrocada da independência do pensar. A propaganda desbanca decididamente a verdade, colocando-se no seu lugar. Schweitzer descreve-nos como a propaganda se infiltra na alma mesma de nossa cultura: “De ano para ano agrava-se nas coletividades a tendência de propagar idéias sem que se reflita sobre elas. E chegaram a tal perfeição os métodos nessa maneira de proceder, tiveram tal aceitação, que a sem-cerimônia de querer apresentar onde e quando parecia oportuno ainda que seja a coisa mais absurda deste mundo, como expressão da opinião pública, dispensa logo qualquer introdução justificativa” (22). De fato, a força da propaganda é tão violenta que, além de subjugar as opiniões dos indivíduos, é capaz de criar-lhes novos tipos de necessidades. Abdicando assim de ter opiniões próprias, passam a fazer apenas parte da massa. A coletividade dispõe deles a seu bel-prazer. Dela recebem as opiniões já formuladas, como quem recebe uma mercadoria de encomenda, opiniões que passam a reger a sua vida. Não há mais trabalho próprio e criativo de fazer cultura. Há somente o trabalho coletivo de transmitir modelos pré-fabricados.

As tintas com que o nosso autor pinta este ponto só poderiam levar a uma conclusão inteiramente negativa a respeito do progresso de nossa civilização. A cada dia se evidenciava mais, à sua vista, a bancarrota dos “Estados

(21) *Ibid.*, págs. 41 — 42.

(22) *Ibid.*, págs. 43 — 44.

civilizados". Aquelas causas, materiais e espirituais, somente apressavam cada vez mais a marcha da humanidade para uma era de obscurecimento e de trevas. "Como escravo; como tipo dispersivo; como ser incompleto; como um náufrago da desumanização da vida; como um vencido que abdicou de sua independência e de seu senso moral, submetendo-se às menores imposições da sociedade; como um ente que em todo o sentido experimentou restrições em seus propósitos de cultura, assim iniciou o homem de hoje a sua tenebrosa marcha nesta era tenebrosa. E a filosofia não teve olhos para ver a situação periclitante em que ele se achava: não se moveu, não fez tentativa alguma para ajudá-lo. Nem sequer procurou detê-lo a fim de despertar-lhe a atenção para o que estava acontecendo.

Não se pensou em evidenciar a terrível verdade de que, com o progresso da história e do desenvolvimento econômico, a cultura, longe de se tornar mais fácil, vai-se tornando cada vez mais difícil." (23)

Se Albert Schweitzer tivesse posto um ponto final, nesta altura, às suas palavras, muitos teriam pensado que ele sucumbira à ordem dos fatos que estas mesmas palavras evocavam. Se tal não aconteceu foi porque tinha profunda convicção de sua vocação de **médico**. O corpo enfermo de nossa cultura, à sua frente, tinha sido diagnosticado: sofria de males materiais, morais e espirituais. Cabia-lhe empunhar o bisturi.

3. O CAMINHO PARA A REGENERAÇÃO DA CULTURA

A mágoa de Schweitzer para com a sociedade envolvente não impediu que seu espírito otimista propusesse uma forma de regeneração como um remédio salutar contra o vírus inoculado na alma mesma de nossa cultura. No horizonte do progresso humano ele vislumbrou algumas linhas firmes de esperança. A Filosofia da Cultura de Albert Schweitzer desemboca numa verdadeira concepção de esperança e de otimismo.

No entanto, o caminho de regeneração continha terríveis obstáculos. Impunha-se, então, unir à mística da esperança também uma ascese. Descreveremos esta dupla exigência. A ascética, inscrita nas dificuldades a superar. A mística, porque a filosofia de nosso autor se espraia numa fé na "conversão individual" e na "concepção da vida", que são respectivamente seu aspecto prático e seu aspecto teórico.

(23) *Ibid.*, págs. 45 – 46.

3.1. A ascese da regeneração

Schweitzer acredita num movimento de ascensão (24) em que se pode transformar o declínio da cultura desde que se ponha novamente em atividade as **forças morais** (25) para servirem de base aos ideais em que se assentará a nova estrutura da realidade da vida. Acreditando nestas forças, tal empreendimento deverá enfrentar primeiramente inúmeras dificuldades:

Falta de compreensão para as coisas como deveriam ser — o homem de hoje se mantém escravo de ideais cada vez mais rasteiros, não acreditando num mundo melhor voltado para o verdadeiro progresso, não tendo a convicção de poder reformar o mundo pelas idéias apesar de todas as circunstâncias externas adversas. Quase toda gente faz o possível para não ver as coisas realmente como deveriam ser e se acomodam ou num otimismo ou num pessimismo impensado. Ninguém se engaja na luta pela renovação da cultura.

Necessidade de romper com a realidade ambiente — a necessidade de que estabeleçamos uma nova visão de mundo, radicada em nós mesmos, prende-se ao perigo de herdarmos idéias (que já foram vividas) que agora circulam como fórmulas passadistas, inexpressivas e funcionam como “detritos de metabolismo” agindo como sombras ou toxinas orgânicas. Na história das culturas nós encontramos diversos exemplos da influência pouco benéfica e bastante maléfica das antigas idéias. Os povos germânicos do Renascimento, por exemplo, pelo influxo da cultura greco-romana, foram, durante séculos, mantidos numa situação de severa dependência espiritual que lhes bloqueou as expressões próprias de vitalidade. No entanto, por mais paradoxal que possa parecer, Schweitzer propõe o restabelecimento destes princípios antigos. Mas como podem estes princípios, já exauridos pelo tempo, tomar de novo fôlego na mente dos mesmos povos em que hajam sucumbido ? Não trouxe a decadência sempre consigo o estigma das coisas definitivas ? A chave deste enigma está em dar novo alento a idéias reconhecidamente gastas. Trata-se de escavar bem fundo (o que havia sido esquecido) a fim de encontrar o lenço das águas. “Queremos segurar com as próprias mãos a chave desse enigma, para com essa chave abrir a porta dos novos tempos, tempos em que tudo o que é velho há de se tornar novo e em que o sentido espiritual da vida nunca mais se apagará” (26). Devemos

(24) *Ibid.*, pág. 72.

(25) Schweitzer sustenta que o fundamento de todo este movimento de renovação está na **reinstauração do “poder das forças morais”**. Como é algo de ordem racional e está ligado à própria “concepção da vida”, a ela nos reportaremos quando falarmos desta última.

(26) *Id.*, *ibid.*, pág. 74.

tomar dos escombros das culturas já gastas as vigas sãs, os metais perfeitamente resistentes, os tijolos perfeitos e reconstruir a partir de uma verdadeira “visão da vida”. Urge romper com as interpretações vigentes (a concepção do mundo), com a desnorтеada realidade ambiente, cheia de altos e baixos e sem uma linha de continuidade. Este trabalho de revitalização de princípios e idéias gastas é quase como o trabalho dos artistas especializados em reconstituir obras de arte agredidas ou prejudicadas.

Falta de apoio das circunstâncias externas — nas culturas anteriores, como o Renascimento e a Ilustração, nós podíamos encontrar a fecunda reciprocidade de influxos entre o material e o espiritual. Muito do progresso espiritual decorria das conquistas no campo das instituições materiais. “Imperativos de ambas as espécies constavam lado a lado de seu programa e eram concomitantemente realizados”. Hoje não contamos com este apoio na renovação dos valores espirituais. E a mesma observação pode ser feita em relação à aliança que antigamente encontrávamos entre pensamento e saber: o progresso acontecia guiado pelo pensamento. Atualmente, o saber desdenha do pensamento, pois se tornou livre e indiferente. “O mais avançado saber (= ciência) se adapta também logo à mais inepta visão do mundo. A ciência sustenta que o seu papel é jogar com a exatidão dos resultados isolados e que somente nessa verificação da realidade é que existe verdadeira ciência” (27). É aquilo que Hilton Japiassu chama de “Mito da Neutralidade Científica” (28) e que, já nos tempos a que se reporta Schweitzer, grassava nos meios científicos, quiçá nas Universidades sobretudo. Sem este apoio da ciência e das instituições materiais, o trabalho de regeneração deve proceder apenas internamente. É uma estranha tarefa, já que temos que proceder praticamente sozinhos !

Necessidade de não acreditar em soluções estruturais — de acordo com nosso autor, não podemos esperar soluções que partam de instituições, de regimes, de sistemas filosóficos ou de ideologias. Todos estão comprometidos com as forças do poder coletivo e do dinheiro. A regeneração da cultura nada tem a ver com soluções estruturais ou com movimentos relacionados com a psicologia das multidões. “A cultura (...) só poderá tomar pé novamente quando em cada um dos indivíduos, independentemente do modo de pensar da massa, que hoje predomina, e em oposição ao mesmo, se forme uma nova orientação de vida, que, passo a passo, ganhe influência na mentalidade

(27) *Ibid.*, pág. 78.

(28) Cf. Hilton JAPIASSU, *O Mito da Neutralidade Científica*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1975.

coletiva e, finalmente, consiga orientá-la. (...) Ali onde as coletividades exercem mais influência sobre o indivíduo do que este possa exercer sobre elas, começa irremissivelmente a decadência...” (29). Com uma espécie de frustração e sensação de inutilidade, descobrimos que a derradeira instância, o último reduto era, de fato, o Espírito. Os mais árduos problemas com que temos de arcar perante nossa situação cultural só podem ser solucionados, em última análise, pela predisposição espiritual.

Perante todas estas dificuldades, Schweitzer propõe a FÓRMULA DE REGENERAÇÃO que leve o declínio da cultura a se transformar em movimento de ascensão:

“De muitos (...) exigiremos que neguem o sistema de vida em que se acham atualmente comprometidos. E que tarefa imensa terá o espírito de tomar a peito. Terá de despertar de novo o senso da verdade onde hoje impera a voz da propaganda. Terá de destronar o falso patriotismo e colocar em lugar dele o verdadeiro, aquele que de fato zela pelo bem da humanidade; terá de implantá-lo ali onde lamentáveis acontecimentos da política do passado e do presente ainda sustentem paixões nacionais, até mesmo, entre aqueles que, no seu íntimo, são visceralmente contra isso. Terá de evidenciar que a cultura é bem comum de todos, da humanidade em geral, da qual todos os povos devem participar. Sim, ali onde agora a cultura nacional é honrada como um ídolo e onde o sentido de uma humanidade culta se tenha reduzido a nada, ali deverá impor-se. Deverá manter de pé a confiança no Estado culto onde os governos espiritual e economicamente espezinhados pela guerra nem sequer mais cogitam em problemas culturais e só andam absorvidos pela idéia de como, por todos os meios possíveis e impossíveis, até mesmo, aqueles que sufocam o direito e a razão, possam arranjar dinheiro, dinheiro para continuar dominando. Deverá também unificar-nos em torno do ideal de uma humanidade culta, quando um povo arrebatou ao outro a fé no humanismo, a fé no idealismo, a fé na justiça, na razão e na verdade e caiu sob o domínio de poderes que, cada vez mais, arrastam os povos para as misérias da incultura.

Deverá chamar a atenção de todos para a cultura, onde, com as crescentes dificuldades da vida, muitas e muitas pessoas são, cada vez mais, absorvidas pelos cuidados materiais da existência, considerando tudo o mais mera fantasia. Deverá despertar em nós a fé na possibilidade do progresso ali onde o choque de retorno de causas econômicas, agindo sobre o espiritual, se manifeste cada dia mais inquietante, provocando ininterrupta e crescente desmoralização da sociedade. Deverá, sim, infundir-nos o dom de conservar viva a nossa confiança, embora freqüentemente falhem nos seus postos tanto as instituições ou agremiações profanas e religiosas, como também pessoas tidas e havidas como importantes; confiança, sim, a despeito dos eruditos e artistas sem cultura, que conseguem brilhar nessa incultura, confiança, ainda, a despeito de celebridades tidas na conta de pensadores, que assim se apresentam, as quais, no entanto, nos momentos decisivos da vida, não passam de meros literatos ou medalhões de academias.” (30);

3.2. A mística da regeneração

A derradeira forma do saber é, para Schweitzer, de índole mística. E o conhecimento da vida é o seu objeto. Assim, desde que a vida é o derradeiro objeto do saber, será também o supremo saber **experiência pensante da vida** (31). Para chegar a este grau de saber místico, unem-se em nós o discernimento e a vontade. A mística constitui para estes o último e misterioso degrau, perante o qual devem estacar-se, pois lá se dá o conhecimento que supera toda a compreensão. É lá que propriamente **intuímos** a vida.

Em nosso entender, para se chegar a este grau místico que é a intuição da vida, há de se conseguir, da parte da vontade, uma verdadeira “**conversão individual**” e, da parte da razão, uma “concepção racionante do mundo” (**concepção da vida**), na linha de pensamento de nosso autor.

Conversão individual — os meios coletivos superorganizados de nossa sociedade empenham-se com unhas e dentes para fazer com que os indivíduos continuem sendo sempre o mesmo ser destituído de personalidade.

(30) *Ibid.*, págs. 82 — 83.

(31) No original: “*denkendes Erleben des Lebens*”.

Temem a personalidade, porque sabem que o espírito e a verdade, que eles bem desejam fazer calar, logo se manifestam neles. É, nestes meios, que cada um deverá procurar viver novamente, como personalidade livre e independente, para, depois poder também influir sobre essas coletividades. Esta conversão do indivíduo a si mesmo exigida por Schweitzer deve assumir a forma de uma radicalidade total.

“Nenhuma outra possibilidade imaginável existe de renovação do mundo, a não ser aquela mediante a qual primeiro nos resolvamos, embora esmagados sob o peso de duras contingências, a nos tornar homens novos, inaugurando uma sociedade nova, com renovados propósitos, harmonizando os desentendimentos reinantes entre os povos, possibilitando assim o redespertar da cultura. Tudo o mais é tempo perdido, porque estamos fazendo as sementeira não de coisas do espírito, mas de preocupações meramente externas da vida” (32). É necessário observar que o cultivo da personalidade propugnada por Schweitzer é mais de ordem moral e espiritual e nada tem a ver com um narcisismo cultural que hodiernamente propala a auto-idolatria da pessoa como forma de mudar a sociedade e que gerou o culto pela maior consciência, saúde ou “crescimento” pessoal. Christopher Lasch nos conta o que acontece com muitos norte-americanos. Sem esperanças de melhorar suas vidas de uma forma válida, convenceram-se de que a única coisa que importa é o aperfeiçoamento psíquico: conhecer sua própria sensibilidade, ingerir alimentos sadios, tomar aulas de balé ou dança do ventre, conhecer a sabedoria oriental, marchar, aprender a “relacionar-se” e vencer o “medo do prazer”. Este autor cita o testemunho de um líder Hippy (Jerry Rubin), “voraz consumidor dos supermercados espirituais da época”: “Em cinco anos, de 1971 a 1975, experimentei diretamente a terapia est, gestalt, a bioenergética, relfing, massagem, marcha, alimentação sadia, tai chi, Esalen, hipnose, dança moderna, meditação, Controle Mental, Silva, Arica, acupuntura, terapia sexual, terapia reichiana e More House, um curso de Nova Consciência” (33).

Não é isto o que Schweitzer propõe. Para ele somente os princípios morais da razão é que nos dão a verdadeira conexão entre nós e a realidade. Só mediante eles o homem e a sociedade conseguem a força necessária para dominar os acontecimentos. Esta concepção da cultura com base moral e que erige em valor primordial a vontade individual traz até nós a proposição basilar de Kant: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre

(32) *Ibid.*, pág. 68.

(33) Cf. Christopher LASCH, Narcisismo – um dos males da nossa era, artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, 17 de outubro de 1976, págs. 221 – 222.

como princípio de uma legislação universal” (34). É dentro de cada um exclusivamente que pode surgir o sentido da vida. “O que, em última análise, decide do futuro de uma sociedade não é a maior ou menor perfeição de sua organização, mas a maior ou menor valorização das individualidades que a compõem (...). Nós que nos achamos nessa situação (já mencionada) devemos fazer com que as individualidades de novo reconquistem sua elevada vocação própria, a fim de poderem assumir as funções que somente o indivíduo como tal pode satisfatoriamente preencher na sociedade, a saber, o dom de imprimir ao pensamento diretrizes morais-espirituais” (35). A cultura é um trabalho coletivo não porque o que importa seja a coletividade, mas porque exige a colaboração de muitos numa ação de homem para homem e numa forma de propagar idéias de acordo com a natureza particular de cada um. “Longe da publicidade é que deverá ser forjada uma nova opinião pública, porque a atual é mantida pela imprensa, pela propaganda, pelas organizações, pelas forças do poder e do dinheiro, que estão à sua disposição. A esse processo antinatural de propagação de idéias, o outro, que é natural, que é espontâneo, deverá impor-se, aquele que parte de homem para homem, de alma para alma, e que conta somente com a idéia baseada na verdade e com o dom de persuadir que é próprio da verdade” (36).

Concepção da vida — a grande missão do espírito é criar uma concepção que leve à reverência pela vida. Cada um deve ter a própria concepção da vida que oriente o sentido de sua ação. E a primeira consciência disto se manifesta no respeito à vida. É daí que nasce a verdadeira moral, base de todo o movimento de renovação da cultura. A moral é um imperativo da experiência que estabelece o respeito por tudo aquilo que é vivente. A reverência pela vida fornece-nos um parâmetro para estabelecermos uma justa classificação de valores, pois “O bem é: conservar a vida, promover a vida, e elevar ao máximo possível o teor de valorização das vidas que se revelarem capazes de progredir. O mal é: destruir a vida, oprimir a vida, impedir o livre desenvolvimento da vida nas vidas que se revelarem capazes de progredir” (37). Somos chamados a viver, esta é nossa vocação fundamental. A vida é o critério básico da existência. Neste ponto, Schweitzer nos faz lembrar do “**Erleben**” de Edmund Husserl e dos existencialistas.

(34) Cf. Emmanuel KANT, **Crítica da Razão Prática**, São Paulo, Ed. e Pub. Brasil, 1959, 3ª ed., trad. Afonso Bertagnoli, pág. 56.

(35) Albert SCHWEITZER, **Decadência e Regeneração da Cultura** págs. 79 — 80.

(36) **Id.**, **Ibid.**, pág. 80.

(37) **Ibid.**, Prefácio, pág. 14.

No entanto, não é qualquer concepção que poderá fornecer valores orientadores da vida. Não pode ser aquela que apenas leve a conhecer (ERKENNEN) o mundo; deve ser uma que leve a vivê-lo (ERLEBEN). E aqui entra o papel da razão. É ela quem nos guiará no estabelecimento das bases da vida. Não uma razão fria, árida, objetivante, que vise apenas à ciência (ERKENNEN); mas uma razão que agite em si o sentido da vida e que vise à orientação do querer (WOLLEN) (38). Schweitzer pretende reabilitar o real valor do Racionalismo como fenômeno necessário a toda e qualquer vida espiritual sadia. As verdadeiras realizações de progresso do mundo são consideradas como promovidas por ele. “Em caso algum devemos consentir que sentimentos ou fraseados românticos impeçam a nossa geração de fazer uma idéia justa do que seja verdadeiramente a razão. Ela não é, em absoluto, uma compreensão gélida das coisas, avessa no consentir que as múltiplas emoções de nossa vida anímica livremente se manifestem. Longe disso. Ela é, muito mais, a concordância de todas as funções de nosso espírito em sua mais viva colaboração de forças. É nela, é na razão que o discernimento e a vontade tecem o misterioso diálogo que decide de nossa vida espiritual. As idéias de interpretação do mundo que ela elabora encerram tudo que ela pensa sobre o sentido de nossa destinação e da destinação da humanidade, tudo que possamos pensar ou sentir a esse respeito, dando verdadeiro valor e direção à nossa existência” (39). O que há de válido no racionalismo é sobretudo isto: o princípio de que se deve estabelecer a concepção do mundo sobre a reflexão. Por isso a concepção do mundo deve ser uma concepção **raciocinante** do mundo (ou **concepção da vida**). Assim ela permite a todo ser humano tornar-se uma verdadeira **personalidade** e fornecer valores à coletividade.

Como relacionar a **concepção da vida** com a obra de fazer cultura ? Como deve ser ela para que possa fundamentar os ideais e propósitos culturais ?

Para Schweitzer, deve ser uma **concepção otimista e moral**. **Otimista** porque coloca o ser acima do nada, confirmando o mundo e a vida como coisas valiosas em si mesmas. “Nasce daí a atividade que se preocupa com a melhoria das condições de vida de cada indivíduo, da sociedade, dos povos e da humanidade, da qual resultam as realizações externas da cultura, o predomínio do espírito sobre as forças da natureza e a superior organização social do mundo” (40). **Moral** porque se constitui numa atividade do homem que visa

(38) Albert Schweitzer, **Cultura e Ética**, pág. 223 ss.

(39) cf. **Decadência e Regeneração da Cultura**, pág. 92.

(40) **Ibid.**, pág. 97.

a atingir a perfeição interior da personalidade e capacitar o indivíduo a influir sobre os homens e sobre o mundo. A ação conjugada da concepção otimista e da concepção moral da vida produzem a cultura. "O futuro da cultura (...) está a depender da circunstância de ser ou não possível fazer com que a reflexão chegue a uma concepção do mundo, que encerre em si o otimismo, isto é, a afirmação do mundo e da vida, e a moral, como bases firmes e seguras que aquelas que teve até o presente momento" (41).

Parece uma verdadeira ironia este retorno à reflexão sobre o sentido da vida, num momento como o de Schweitzer e o de hoje. Momento em que nos defrontamos com ruínas as mais diversas, sofrimentos indescritíveis de muitos povos, pobreza e fome de tantas nações, desorientação geral. No entanto, o nosso autor reafirma convictamente a sua posição. Só a reflexão poderá fazer surgir as forças que têm ação sobre tais perturbações e sobre a imensa miséria que pesa sobre todos. E traz-nos uma bela analogia: "Quando na primavera a cor pardacenta cede lugar ao verde que desponta dos campos, assim acontece porque milhões de brotos surgem das raízes. Assim também a renovação das idéias para o nosso tempo de outro modo não poderá vir senão pela transformação que muitos e muitos possam operar nos seus propósitos de vida e em seus ideais, refletindo sobre o sentido da vida e do mundo" (42).

Somente um gênio poderia chegar a um individualismo e a um racionalismo sem passar pelos defeitos que toda a nossa longa tradição filosófica tem, imperdoavelmente, atribuído a estes dois radicalismos! O gênio de Schweitzer se assentava, no entanto, numa intuição fundamental, para a qual ele pretendia conduzir o indivíduo e a razão. Queria fazer da "conversão individual" uma conversão à **personalidade** e da "concepção da vida" uma **experiência pensante da vida**. O máximo de "conversão individual" e o máximo de concepção da vida" é o que nos parece levar àquele tipo de saber que ele chamou de "místico". E sua intuição pode ser expressa de maneira muito simples (para Schweitzer "tudo que é profundo é, ao mesmo tempo, simples" (43)): o **sentido da vida**.

(41) *Ibid.*, pág. 99.

(42) *Ibid.*, pág. 103.

(43) *Ibid.*, pág. 27.

CONCLUSÃO

Não pretendíamos aqui elaborar uma crítica ao pensamento ou à obra de Schweitzer. Pensamos apenas fornecer um **roteiro de leitura** e algumas considerações às principais idéias de seu livro **Decadência e Regeneração da Cultura**. Chamamos a atenção para o valor e a atualidade das considerações ali contidas, talvez nada mais. Mas a recomendação de uma leitura pode fornecer pistas fecundas a outros trabalhos, nossos ou de outrem, sobre aquela obra. Dada a riqueza das perspectivas lá encontradas, podemos mesmo fazer algumas sugestões para trabalhos críticos ou comentados: como unir o racionalismo de Schweitzer com seu misticismo? O que dizer da “redução individualista” de Schweitzer? A “concepção da vida” por ele elaborada poderia aproximá-lo da visão existencialista? Como situá-lo na história do pensamento humano? Quais as influências por ele recebidas para chegar a tal concepção da cultura? Algumas noções poderiam vir a ser analisadas em maior profundidade, tendo em vista a conotação especial que Schweitzer lhes dá: razão, racionalismo, visão-do-mundo, visão-da-vida, moral, espiritual, apenas para exemplificar.

O pensamento de Schweitzer não é tão conhecido entre nós, brasileiros, como é o seu nome de médico. Queríamos, acima de tudo, preencher aqui, ao menos parcialmente, esta lacuna. Para isso desejávamos sugerir a não separação entre o Schweitzer-médico e o Schweitzer-pensador. Sua Filosofia da Cultura é, ao mesmo tempo, uma Terapêutica da Cultura. Ao mesmo tempo que refletia, ele auscultava, ao mesmo tempo que diagnosticava, ele “racionalizava”. E o que torna mais interessante a sua maneira de ver como filósofo-médico é que ele fazia da cultura uma obra cotidiana. Tão cotidiana como o respirar, o frequentar a natureza, o conviver com as pessoas, o trocar idéias, o estar livre, o querer saber dos acontecimentos de cada dia, o ler um jornal, o conversar com os amigos mais chegados. A cultura torna-se uma obra pessoal de cada homem. Está inserida nas situações que fazem o dia a dia de toda pessoa. Afinal, ela é uma coisa simples; simples, mas profunda. Possui aquela propriedade simples de que o Dr. Albert Schweitzer, como médico, é grande especialista: a **vida**.

BIBLIOGRAFIA

- CROUZET, Maurice (Dir.), **História Geral das Civilizações**, Tomo VII – **A Época Contemporânea**, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 2ª ed., 1961, trad. J. Guinsburg e Vítor Ramos.
- FREIRE, Paulo, **Ação Cultural para a Liberdade**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- JAPIASSU, Hilton, **O Mito da Neutralidade Científica**, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
- JOY, Charles R. (Ed.), **Albert Schweitzer: An Anthology**, Boston, The Beacon Press, 1947.
- KANT, Emmanuel, **Crítica da Razão Prática**, São Paulo, Ed. e Pub. Brasil, 1959, 3ª ed., Tradução e Prefácio de Afonso Bertagnoli.
- SCHWEITZER, Albert, **Cultura e Ética**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1953, trad. Herbert Caro.
- SCHWEITZER, Albert, **Decadência e Regeneração da Cultura**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1959, 2ª ed., trad., prefácio e notas de Pedro de Almeida Moura.
- SOROKIN, Pitirim A., **Las Filosofías Sociales de Nuestra Época de Crisis**, Madrid, Aguilar, 1956, trad. Eloy Terrón.
- VAZ, Pe. Henrique C. de Lima, **O Absoluto e a História**, Rev. Paz e Terra, ano I, nº 2, setembro, 1966.